



**XIX
CONBRACE**
VI CONICE
08 a 13 de setembro de 2015
VITÓRIA-ES

TERRITORIALIDADE E DIVERSIDADE
REGIONAL NO BRASIL E AMÉRICA LATINA:
SUAS CONEXÕES COM A EDUCAÇÃO
FÍSICA E CIÊNCIAS DO ESPORTE

ASSOCIAÇÕES ENTRE A PRÁTICA DE ATIVIDADES FÍSICO- ESPORTIVAS E AS CONDIÇÕES SOCIOECONÔMICAS

Phillipe Ferreira Rodrigues

Monique Ribeiro Assis

Claudia Paulich

Alexandre Palma

RESUMO

Identificar as associações entre a atividade física e condições socioeconômicas. Foi utilizado um questionário sobre atividade física e condições socioeconômicas. Gênero feminino, os mais velhos, a classe social mais baixa, o pior nível educacional, a menor renda estão associados à menor prática de atividades físicas.

PALAVRAS-CHAVE: Atividade física; Fatores socioeconômicos; Exercício.

INTRODUÇÃO

A atividade física tem sido considerada por alguns autores (RASO, *et al.*, 2012; MATSUDO; MATSUDO; BARROS NETO, 2012) como um importante fator para o desenvolvimento de um melhor estado da saúde. Este discurso, passível de questionamento, é sustentado pelas associações inversas entre o gasto calórico ou o tempo total de atividade física e a mortalidade e a incidência de doenças cardiovasculares encontradas em diversos estudos (GLANER; PIRES NETO; ZINN, 2012; MATSUDO, 2012).

O modelo hegemônico da ciência que fundamenta essa noção é biologista e postula a inatividade física como um fator de risco para inúmeras doenças. Logo, o sedentarismo se apresentaria como uma conduta de risco equivalendo à falência moral e inaceitável falta de cuidado de si próprio, conduzindo para uma perigosa culpabilização frente ao surgimento de doenças que poderiam ser evitadas perante escolhas individuais (PALMA *et al.*, 2003; PALMA, 2009; BAGRICHEVSKY *et al.*, 2010). Neste contexto a atividade física perde seu caráter hedonístico e passa a exercer o papel de uma vacina para um corpo socialmente considerado doente (FERREIRA; CASTIEL; DE ALMEIDA CARDOSO, 2012).



Por outro lado, é possível observar que a inatividade física está mais fortemente relacionada aos fatores socioeconômicos coletivos do que estritamente aos fatores individuais (CRESPO *et al.*, 2000; PASCUAL, *et al.*, 2007) Neste contexto, o foco não se concentra no sujeito, no biológico, ou nas causas e efeitos e sim na vulnerabilidade do coletivo, assim como nas múltiplas relações que interagem com a prática de exercícios físicos, entre estas a atividade física ocupacional e a atividade física no lazer (HOLTERMANN *et al.*, 2010; HOLTERMANN *et al.*, 2012)..

Na literatura, várias investigações evidenciam efeitos opostos entre a atividade física no lazer e a atividade física ocupacional. Estes estudos sugerem que a atividade física no lazer está associada à redução da morbimortalidade e que a alta carga de atividade física ocupacional se relaciona ao comprometimento do estado geral de saúde, apresentando desfechos paradoxais sobre a saúde (FRANSSON *et al.*, 2012; HOLTERMANN *et al.*, 2010; HOLTERMANN *et al.*, 2012).

Assim, o objetivo do presente estudo foi identificar as associações entre a prática de atividades físico-esportivas de lazer e de deslocamento com as condições socioeconômicas em adultos residentes no município do Rio de Janeiro.

MÉTODO

Tipo de estudo

O presente estudo caracteriza-se como sendo observacional do tipo transversal.

Sujeitos

Participaram do estudo 543 indivíduos de ambos os sexos, sendo 36,5% do sexo masculino (n= 198) e 63,5% do feminino (n= 345), e com idades entre 18 e 73 anos. A amostra foi calculada considerando que a população da cidade do Rio de Janeiro em 2014 era de 6.320.446 habitantes (IBGE, 2015). Para um erro amostral estipulado em 5%, nível de confiança de 99% e prevalência presumida de 50% de casos de lesões, foi estimado o tamanho amostral inicial de 664 informantes. Precavendo-se de possíveis perdas, procurou-se adicionar mais 10%. Foi possível, então, coletar os dados de 720 informantes. Desse total, 177 (24,6%) foram perdidos por estarem incompletos ou indevidamente preenchidos. Para



inclusão na pesquisa os participantes deveriam ter entre 18 e 80 anos de idade. Foram excluídos os portadores de necessidades especiais e grávidas.

Coleta de dados

Instrumento

Para realização da pesquisa foi utilizado um questionário que continha perguntas referentes às características demográficas; à prática de atividade física no lazer e no trabalho e às condições socioeconômicas. Para as questões relativas às classes sociais adotou-se o instrumento da ABEP (Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa) (SIQUEIRA *et al.*, 2007). Um grupo de questões sobre atividade física no lazer e no trabalho foi baseado no estudo de Holtermann *et al.* (HOLTERMANN *et al.*, 2012).

Procedimentos

Inicialmente ocorreu um contato com o indivíduo para que fosse possível a autorização para o desenvolvimento da pesquisa. Em sequência, o participante foi esclarecido sobre os objetivos do estudo e caráter sigiloso e voluntário da participação. Após o consentimento, o pesquisador iniciou a coleta de dados. Em todo momento o pesquisador permaneceu ao lado dos informantes, sem, no entanto, interferir nas respostas dos mesmos. Caso o informante apresentasse alguma dificuldade visual ou de leitura, o pesquisador leu o questionário junto ao mesmo de modo que não interferisse nas respostas.

Todos os participantes foram informados sobre o objetivo e procedimentos da pesquisa, bem como, sobre a instituição responsável e sobre o caráter voluntário e sigiloso da participação de cada um. Antes do preenchimento do questionário cada informante fez a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e concordou voluntariamente em participar da investigação, conforme tem sido sugerido pela Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde para experimentos com seres humanos. A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

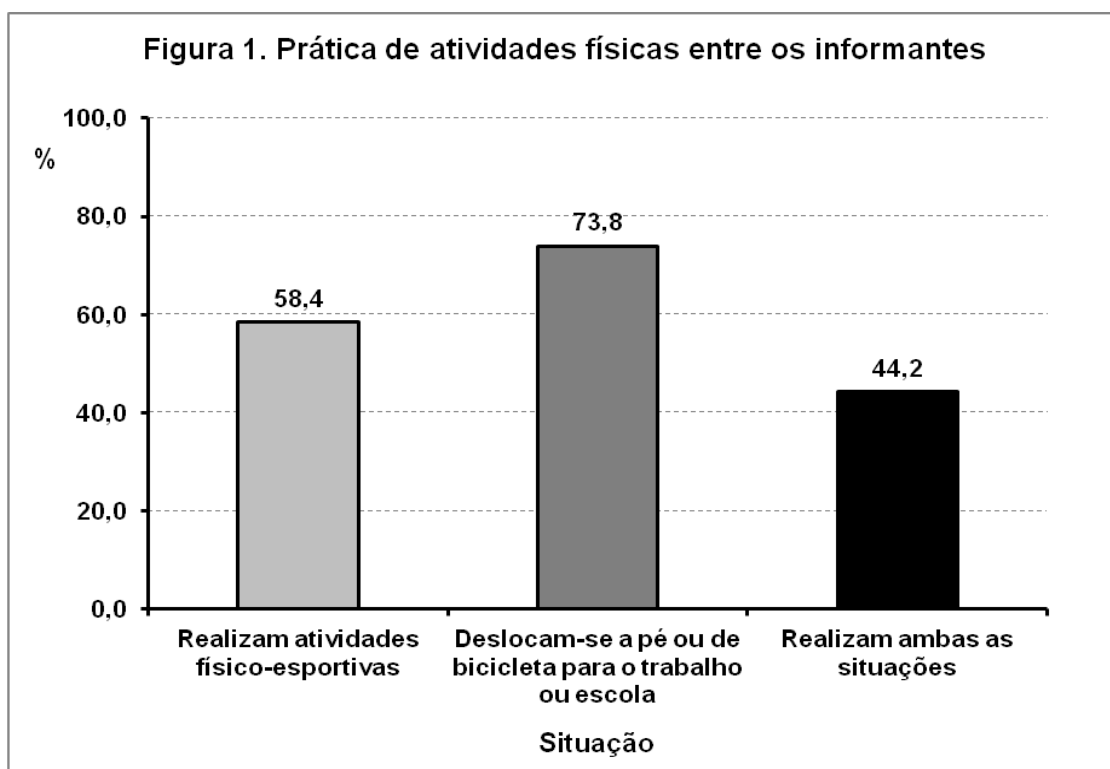
Análise estatística



A análise estatística utilizada estava de acordo com a natureza das variáveis. Foi realizada, inicialmente, a frequência relativa de cada caso e aplicado o teste do Qui-quadrado para examinar as diferenças nas proporções das variáveis categóricas. Foi calculada ainda a Razão de chances (Odds Ratio – OR). Foi adotado o nível de significância de $p < 0,05$.

RESULTADOS

Do total de pessoas investigadas, mais da metade reportou realizar atividades físico-esportivas no momento de lazer. Há, ainda, um número expressivo de pessoas que se deslocam a pé ou de bicicleta para o trabalho ou escola (Figura 1).



A Tabela 1 apresenta as associações entre a prática de atividades físico-esportivas e as condições socioeconômicas em adultos residentes no município do Rio de Janeiro. As desigualdades socioeconômicas parecem marcar a amostra investigada. Assim, o gênero feminino, os mais velhos, a classe social mais baixa, o pior nível educacional, a menor renda foram significativamente associados à menor prática de atividades físico-esportivas.

Tabela 1. Associações entre a prática de atividades físico-esportivas no lazer e variáveis demográficas e condições socioeconômicas

Variáveis	Prática de atividades físico-esportivas		OR	IC	p-valor
	Não faz n (%)	Faz n (%)			
Sexo					
Masculino	56 (28,3)	142 (71,7)	Ref.	–	–
Feminino	170 (49,3)	175 (50,7)	0,41	0,28-0,59	<0,000
Faixa etária					
< 25 anos	35 (34,0)	68 (66,0)	Ref.	–	–
25 a 34 anos	81 (35,7)	146 (64,3)	0,93	0,57-1,51	0,764
35 a 44 anos	46 (45,1)	56 (54,9)	0,63	0,36-1,10	0,103
45 a 54 anos	44 (60,3)	29 (39,7)	0,34	0,18-0,63	<0,000
≥ 55 anos	20 (52,6)	18 (47,4)	0,46	0,22-0,99	0,043
Trabalha					
Não	33 (45,8)	39 (54,2)	Ref.	–	–
Sim	193 (41,0)	278 (59,0)	1,22	0,74-2,01	0,436
Classe Social					
A	22 (29,7)	52 (70,3)	Ref.	–	–
B	124 (39,5)	190 (60,5)	0,65	0,37-1,12	0,118
C, D e E	80 (51,6)	75 (48,4)	0,40	0,22-0,72	0,001
Instrução do responsável da residência					
Fundamental incompleto	21 (58,3)	15 (41,7)	Ref.	–	–
Fundamental completo	25 (52,1)	23 (47,9)	1,29	0,54-3,08	0,569
Médio completo	92 (45,3)	111 (54,7)	1,69	0,82-3,46	0,149
Superior completo	88 (34,4)	168 (65,6)	2,67	1,31-5,44	0,005
Renda do responsável da residência					
≤ R\$ 678,00	14 (58,3)	10 (41,7)	Ref.	–	–
R\$ 678,01 a 1.356,00	59 (51,8)	55 (48,2)	1,31	0,54-3,18	0,557
R\$ 1.356,01 a 3.390,00	79 (47,0)	89 (53,0)	1,58	0,66-3,75	0,299
R\$ 3.390,01 a 6.780,00	45 (35,2)	83 (64,8)	2,58	1,06-6,28	0,032
> R\$ 6.780,01	29 (26,6)	80 (73,4)	3,86	1,56-9,65	0,002
Renda familiar					
≤ R\$ 678,00	12 (80,0)	3 (20,0)	Ref.	–	–
R\$ 678,01 a 1.356,00	35 (46,1)	41 (53,9)	4,69	1,22-17,95	0,016
R\$ 1.356,01 a 3.390,00	75 (54,0)	64 (46,0)	3,41	0,92-12,63	0,053
R\$ 3.390,01 a 6.780,00	58 (39,5)	89 (60,3)	6,14	1,66-22,70	0,002



> R\$ 6.780,01 46 (27,7) 120 (72,3) 10,43 2,82-38,67 <0,000

Continua

Tabela 1. Associações entre a prática de atividades físico-esportivas no lazer e variáveis demográficas e condições socioeconômicas (continuação)

Variáveis	Prática de atividades físico-esportivas		OR	IC	p-valor
	Não faz n (%)	Faz n (%)			
A casa tem água encanada					
Não	3 (75,0)	1 (25,0)	Ref.	–	–
Sim	223 (41,4)	316 (58,6)	4,25	0,44-41,14	0,174
A casa tem rede de esgoto					
Não	4 (57,1)	3 (42,9)	Ref.	–	–
Sim	222 (41,4)	314 (58,6)	1,89	0,42-8,51	0,401
A rua tem iluminação pública					
Não	11 (64,7)	6 (35,3)	Ref.	–	–
Sim	215 (40,9)	311 (59,1)	2,65	0,97-7,28	0,049
A rua é asfaltada					
Não	15 (71,4)	6 (28,6)	Ref.	–	–
Sim	211 (40,4)	311 (59,6)	3,68	1,41-9,65	0,004
O lugar tem coleta de lixo					
Não	16 (61,5)	10 (38,5)	Ref.	–	–
Sim	210 (40,6)	307 (59,4)	2,34	1,04-5,25	0,034
Desloca-se a pé ou de bicicleta para o trabalho ou escola					
Não	65 (45,8)	77 (54,2)	Ref.	–	–
Sim	161 (40,1)	240 (59,9)	1,26	0,86-1,85	0,242
Nível de atividade física no trabalho					
Trabalho sedentário	106 (40,3)	157 (59,7)	Ref.	–	–
Esforço leve	54 (41,5)	76 (58,5)	0,95	0,62-1,46	0,814
Esforço moderado	27 (47,4)	30 (52,6)	0,75	0,42-1,33	0,326
Esforço pesado	6 (28,6)	15 (71,4)	1,69	0,63-4,49	0,289
Transtornos mentais menores					
Assintomático	127 (34,7)	239 (65,3)	Ref.	–	–
Sintomático	99 (55,9)	78 (44,1)	0,42	0,29-0,60	<0,000

Quando se analisa as relações entre os aspectos socioeconômicos e a prática de atividades físicas no lazer (Tabela 1), se percebe que há um grupo socialmente mais



vulnerável e, portanto, está menos engajado com essas atividades. Contudo, ao se analisar a prática de atividades físicas que possivelmente estão ligadas a uma necessidade (econômica, por exemplo) encontra-se outro cenário. A Tabela 2 apresenta os dados relativos ao deslocamento a pé ou de bicicleta de casa para o trabalho ou escola (ou universidade). Nesse caso, é possível observar que o grupo socialmente menos favorecido, de um modo geral, realiza mais essa prática.

Tabela 2. Associações entre o deslocamento a pé ou de bicicleta para o trabalho ou escola e variáveis demográficas e condições socioeconômicas

Variáveis	Desloca-se a pé ou de bicicleta		OR	IC	p-valor
	Não faz n (%)	Faz n (%)			
Sexo					
Masculino	48 (24,2)	150 (75,8)	Ref.	–	–
Feminino	94 (27,2)	251 (72,8)	0,85	0,57-1,28	0,443
Faixa etária					
< 25 anos	23 (22,3)	80 (77,7)	Ref.	–	–
25 a 34 anos	62 (27,3)	165 (72,7)	0,77	0,44-1,32	0,337
35 a 44 anos	28 (27,5)	74 (72,5)	0,76	0,40-1,43	0,396
45 a 54 anos	20 (27,4)	53 (72,6)	0,76	0,38-1,52	0,440
≥ 55 anos	9 (23,7)	29 (76,3)	0,93	0,38-2,23	0,864
Trabalha					
Não	20 (27,8)	52 (72,2)	Ref.	–	–
Sim	122 (25,9)	349 (74,1)	1,10	0,63-1,92	0,735
Classe Social					
A	30 (40,5)	44 (59,5)	Ref.	–	–
B	85 (27,1)	229 (72,9)	1,84	1,08-3,11	0,022
C, D e E	27 (17,4)	128 (82,6)	3,23	1,73-6,02	<0,000
Instrução do responsável da residência					
Fundamental incompleto	9 (25,0)	27 (75,0)	Ref.	–	–
Fundamental completo	7 (14,6)	41 (85,4)	1,95	0,65-5,87	0,228
Médio completo	45 (22,2)	158 (77,8)	1,17	0,51-2,67	0,708
Superior completo	81 (31,6)	175 (68,4)	0,72	0,32-1,60	0,419
Renda do responsável da residência					
≤ R\$ 678,00	5 (20,8)	19 (79,2)	Ref.	–	–
R\$ 678,01 a 1.356,00	14 (12,3)	100 (87,7)	1,88	0,61-5,84	0,268
R\$ 1.356,01 a 3.390,00	33 (19,6)	135 (80,4)	1,08	0,37-3,10	0,890
R\$ 3.390,01 a 6.780,00	47 (36,7)	81 (63,3)	0,45	0,16-1,29	0,132
> R\$ 6.780,01	43 (39,4)	66 (60,6)	0,40	0,14-1,16	0,085
Renda familiar					
≤ R\$ 678,00	6 (40,0)	9 (60,0)	Ref.	–	–
R\$ 678,01 a 1.356,00	9 (11,8)	67 (88,2)	4,96	1,43-17,24	0,007



R\$ 1.356,01 a 3.390,00	26 (18,7)	113 (81,3)	2,90	0,95-8,86	0,053
R\$ 3.390,01 a 6.780,00	38 (25,9)	109 (74,1)	1,91	0,64-5,73	0,240
> R\$ 6.780,01	63 (38,0)	103 (62,0)	1,09	0,37-3,21	0,876

Continua

Tabela 2. Associações entre a prática de atividades físico-esportivas no lazer e variáveis demográficas e condições socioeconômicas (continuação)

Variáveis	Desloca-se a pé ou de bicicleta		OR	IC	p-valor
	Não faz n (%)	Faz n (%)			
A casa tem água encanada					
Não	1 (25,0)	3 (75,0)	Ref.	–	–
Sim	141 (26,2)	398 (73,8)	0,94	0,10-9,12	0,956
A casa tem rede de esgoto					
Não	3 (42,9)	4 (57,1)	Ref.	–	–
Sim	139 (25,9)	397 (74,1)	2,14	0,47-9,69	0,311
A rua tem iluminação pública					
Não	3 (17,6)	14 (82,4)	Ref.	–	–
Sim	139 (26,4)	387 (73,6)	0,60	0,17-2,11	0,417
A rua é asfaltada					
Não	4 (19,0)	17 (81,0)	Ref.	–	–
Sim	138 (26,4)	384 (73,6)	0,65	0,22-1,98	0,449
O lugar tem coleta de lixo					
Não	4 (15,4)	22 (84,6)	Ref.	–	–
Sim	138 (26,7)	379 (73,3)	0,50	0,17-1,47	0,200
Nível de atividade física no trabalho					
Trabalho sedentário	70 (26,6)	193 (73,4)	Ref.	–	–
Esforço leve	35 (26,9)	95 (73,1)	0,98	0,61-1,58	0,949
Esforço moderado	9 (15,8)	48 (84,2)	1,93	0,90-4,15	0,085
Esforço pesado	8 (38,1)	13 (61,9)	0,59	0,23-1,48	0,256
Transtornos mentais menores					
Assintomático	94 (35,7)	272 (74,3)	Ref.	–	–
Sintomático	48 (27,1)	129 (72,9)	0,93	0,62-1,39	0,721

DISCUSSÃO

A prática da atividade física não é determinada apenas através de escolhas pessoais (como praticar ou não praticar exercício físico). Antes, é uma escolha moldada por diferentes fatores, entre eles os socioeconômicos. Tal relação pode ser observada nos resultados desse estudo, evidenciando que as questões como gênero, idade, classe social, renda e nível educacional estão associados à menor prática de atividades físico-esportivas.



Os resultados apresentados no presente estudo corroboram com o quadro atual da prática de atividade física no Brasil. Em seu último levantamento o Ministério da Saúde, através da pesquisa de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção Para Doenças Crônicas Por Inquérito Telefônico (VIGITEL), evidenciou uma discrepância na prática de atividade física entre homens e mulheres. O percentual de praticantes de atividade física do sexo feminino que atingem 150 minutos de atividade física por semana no tempo livre foi de 27,4% contra 41,2% para o sexo masculino (BRASIL, 2014). No presente estudo, a prática de atividade física-esportiva entre os homens, igualmente, foi bem maior. Em outro estudo, realizada na mesma capital, Gomes, Siqueira e Sichieri (2001) reforçam que o sexo feminino tende a praticar menos atividade física em qualquer idade. Os achados aqui se contrapõem aos apresentados por Matsudo *et al.* (2002) que encontraram semelhanças no nível de atividade física entre homens e mulheres no estado de São Paulo.

Uma possível explicação para esta desigualdade entre os sexos pode estar na manutenção de um modelo familiar centrado na mulher, a qual assume uma dupla jornada de trabalho. Bruschini (2007) enfatiza uma persistente desigualdade entre os sexos em relação às atividades domésticas e cuidado com filhos e outros familiares, no qual, o sexo feminino dedica um elevado número de horas para a realização destas atividades. Além do mais, a mesma autora, observa um aumento nas ocupações formais em cargos de prestígio, porém o predomínio ainda é das atividades formais mais precárias. É possível buscar esta discussão nos questionamentos feitos por Palma (2000): como estas trabalhadoras conseguirão tempo para praticar atividades físicas e, além disso, seria a atividade física uma prioridade em suas vidas? Ademais, é necessário largar mão de uma análise restrita ao conceito biológico e buscar uma interpretação à luz dos gêneros e compreender que esta diferença entre a prática de atividade física no lazer é sustentada por um sistema social machista e conservador.

O baixo nível educacional e a idade elevada foram associados com menor prática de atividade física. Os dados estão em acordo com o panorama apresentado VIGITEL (BRASIL, 2014), o qual evidencia que a atividade física no tempo livre tende a diminuir com a idade e aumentar com a escolaridade. O mesmo levantamento mostra que a prática insuficiente e a inatividade física aumentam para os grupos de idade mais avançadas e que os indivíduos com menor escolaridade apresentam maiores níveis de prática insuficiente e inatividade física.



Os achados neste estudo corroboram com achados de outras investigações sobre atividade física no lazer. Pitanga *et al.* (2014) relatam que a prática da atividade física no lazer tende a aumentar para indivíduos do sexo masculino e com média e alta escolaridade. Em outro estudo, Rocha *et al.* (2011) evidenciam que a atividade física no tempo de lazer é maior entre indivíduos jovens, do sexo masculino e com maiores níveis de escolaridade. Gomes, Siqueira e Sichieri (2001) encontraram associação positiva entre baixa escolaridade e atividade física no lazer em indivíduos residentes do município do Rio de Janeiro. Nesta investigação, a prática de atividade física no lazer também foi associada com a classe social mais baixa e com a menor renda. Estes achados são semelhantes a outros estudos (PITANGA *et al.*, 2014; SANTOS *et al.*, 2014; WALLMANN-SPERLICH, FROBOESE, 2014; HUNTER *et al.*, 2015).

Entender que o nível educacional e a renda estão associados à quantidade e a qualidade de informação, e que por sequência, baixo nível educacional e menor renda estariam associados à incapacidade destes indivíduos compreenderem as informações acerca dos benefícios da saúde e, por isso, não estariam praticando atividade física é no mínimo uma análise simplista e culpabilizante. É preciso compreender o contexto em que estes indivíduos estão situados, pois o baixo nível educacional também está associado a modos mais precários de vida (ISHITANI *et al.*, 2006; DUARTE *et al.*, 2002; HUNTER *et al.*, 2015).

A discussão a respeito da diferenciação entre a prática de atividade física no lazer e a atividade física ocupacional e de deslocamento vem ganhando força (HOLTERMANN *et al.*, 2010; WALLMANN-SPERLICH, FROBOESE, 2014). A atividade física de lazer é associada com o menor risco para o desenvolvimento de doenças crônicas, enquanto a prática de atividade física ocupacional e de deslocamento é associada ao maior risco de desenvolvimento de doenças crônicas. De modo geral, as duas práticas apresentam desfechos opostos sobre a saúde (HOLTERMANN *et al.*, 2010).

No presente estudo, 73,8% dos indivíduos relataram se deslocar a pé ou de bicicleta para o trabalho ou para a escola. Este número pode ser considerado alto, visto que no levantamento realizado no ano de 2013 pelo Ministério da Saúde (BRASIL, 2014), 13% dos indivíduos residentes do município do Rio de Janeiro relataram praticar pelo menos 150 minutos de atividade de deslocamento durante a semana. Essa discrepância entre os achados pode ser explicada pelas diferenças metodológicas, pois o presente estudo optou por



considerar qualquer tempo de deslocamento, enquanto no VIGITEL foram considerados apenas deslocamentos superiores há 30 minutos diários.

A maior prática de atividades de deslocamento a pé ou de bicicleta de casa para o trabalho ou escola (ou universidade) foi observado no grupo socialmente menos favorecido. Os resultados aqui apresentados corroboram com os achados de Wallmann-Sperlich e Froboese (2014), que encontraram características socioeconômicas diferentes de acordo com a categoria de prática de atividade física (lazer ou deslocamento). Segundo estes autores, os indivíduos idosos, adultos com sobrepeso e os grupos com menor renda tendem a praticar mais atividade física ocupacional e de deslocamento. Pitanga *et al.* (2014) encontraram uma associação inversa entre a atividade física de deslocamento em indivíduos com mais de 60 anos de idade. De modo geral, o que se observa é que a prática de atividade física ocupacional e de deslocamento aumenta para indivíduos com maior vulnerabilidade social.

Sendo a atividade física realizada fora do tempo de lazer associada com desfechos desfavoráveis à saúde (HOLTERMANN *et al.*, 2010), algumas investigações que analisaram as relações entre estas categorias de atividades (PITANGA *et al.*, 2014; WALLMANN-SPERLICH, FROBOESE, 2014) concluem que existe uma necessidade em se pensar em políticas que promovam atividade física para estes grupos mais vulneráveis. Porém, acreditamos ser mais prudente ir além destas conclusões, pois pensar em estratégias de promoção da prática de atividade física no lazer seria submeter a novas demandas estes indivíduos já conformados a uma rotina de esforço físico nas atividades ocupacionais e de deslocamento. É necessário pensar em políticas que priorizem modos mais dignos de vida, oportunizando uma prática de atividade física de caráter hedonístico e menos medicalizante.

ASSOCIATIONS BETWEEN THE ACTIVITIES OF PRACTICE PHYSICAL AND SPORTS AND CONDITIONS SOCIOECONOMICABSTRACT

The aim of this study was to identify the relationship between physical activities and socio-economic conditions. A questionnaire about this two variables was used. Female gender, the elders, the most underprivileged social class, the lowest educational level, the lowest income are all associated with little physical activity.

KEYWORDS: *Physical activity; Socioeconomic factors; exercise*



ASOCIACIONES ENTRE LA PRÁCTICA DE ACTIVIDADES FÍSICO-DEPORTIVAS Y LAS CONDICIONES SOCIOECONÓMICAS

RESUMEN

Identificar las asociaciones entre la actividad física y condiciones socioeconómicas. Se utilizó un cuestionario sobre actividad física y las condiciones socioeconómicas. Género femenino, más viejos, la clase social más baja, el peor nivel de educación, renta más baja están asociados a la menor práctica de actividades físicas.

PALABRAS CLAVES: actividad física; factores socioeconómicos; ejercicio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGRICHEVSKY, M., *et al.* Discursos sobre comportamento de risco à saúde e a moralização da vida cotidiana. *Ciênc Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 15(suppl 1), 1699-708, 2010.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Vigitel Brasil 2013: vigilância de fatores de risco e proteção para doenças crônicas por inquérito telefônico / Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde.* – Brasília: Ministério da Saúde, 2014.
- BRUSCHINI, M.C.A. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, p. 537-572, 2007.
- CRESPO, C.J. *et al.* Race/ethnicity, social class and their relation to physical inactivity during leisure time: results from the Third National Health and Nutrition Examination Survey, 1988–1994. *American journal of preventive medicine*, v. 18, n. 1, p. 46-53, 2000.
- DUARTE, E.C. *et al.* Epidemiologia das desigualdades em saúde no Brasil: um estudo exploratório. 2002.
- FERREIRA, M. S. *et al.* A patologização do sedentarismo. *Saúde Soc.* São Paulo, v. 21, n. 4, p. 836-847, 2012
- FRANSSON, E.I. *et al.* Job strain as a risk factor for leisure-time physical inactivity: an individual-participant meta-analysis of up to 170,000 men and women The IPD-Work Consortium. *American journal of epidemiology*, p. kws336, 2012.



- GLANER, M.F. *et al.* Diagnóstico da aptidão física relacionada à saúde de universitários. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, v. 3, n. 4, p. 35-41, 2012.
- GOMES, V.B.; SIQUEIRA, K. S.; SICHIERI, R. Atividade física em uma amostra probabilística da população do Município do Rio de Janeiro. *Cad Saúde Pública*, Rio de Janeiro. v. 17, n. 4, p. 969-76, 2001.
- HOLTERMANN, A. *et al.* Fitness, work, and leisure-time physical activity and ischaemic heart disease and all-cause mortality among men with pre-existing cardiovascular disease. *Scandinavian journal of work, environment & health*, p. 366-372, 2010.
- HOLTERMANN, A. *et al.* The health paradox of occupational and leisure-time physical activity. *British Journal of Sports Medicine*, v. 46, n. 4, p. 291-295, 2012.
- HUNTER, R.F. *et al.* Addressing inequalities in physical activity participation: Implications for public health policy and practice. *Preventive medicine*, v.72, p. 64-69, March, 2015.
- IBGE. Cidades@: Rio de Janeiro. Infográficos. Dados gerais do município. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=330455>> Acesso em: 28 fev. 2015.
- ISHITANI, L.H. *et al.* Desigualdade social e mortalidade precoce por doenças cardiovasculares no Brasil. *Rev Saúde Pública*, v. 40, n. 4, p. 684-91, 2006.
- MATSUDO, S. M. *et al.* Nível de atividade física da população do Estado de São Paulo: análise de acordo com o gênero, idade, nível socioeconômico, distribuição geográfica e de conhecimento. *Rev Bras Ciênc Mov*, v. 10, n. 4, p. 41-50, 2002.
- MATSUDO, S. M. *et al.* Efeitos benéficos da atividade física na aptidão física e saúde mental durante o processo de envelhecimento. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, v. 5, n. 2, p. 60-76, 2012.
- MATSUDO, V. The role of partnerships in promoting physical activity: the experience of Agita São Paulo. *Health & place*, v. 18, n. 1, p. 121-122, 2012.
- PALMA, A. *et al.* Reflexões acerca da adesão aos exercícios físicos: comportamento de risco ou vulnerabilidade. *Revista Movimento*, v. 10, n. 21, p. 83-100, 2003.
- PALMA, A. Atividade física, processo saúde-doença e condições socioeconômicas: uma revisão da literatura. *Revista Paulista de Educação Física*, v. 14, n. 1, p. 97-106, 2000.



- PASCUAL, C. et al. The association of current and sustained area-based adverse socioeconomic environment with physical inactivity. *Social Science & Medicine*, v. 65, n. 3, p. 454-466, 2007.
- PITANGA, F.G. et al. Prevalência e fatores sociodemográficos e ambientais associados à atividade física no tempo livre e no deslocamento em adultos. *Motricidade*, v. 10, n. 1, p. 3-13, 2014.
- RASO, V. et al. Exercício aeróbico ou de força muscular melhora as variáveis da aptidão física relacionadas a saúde em mulheres idosas?. *Revista brasileira de atividade física & saúde*, v. 2, n. 3, p. 36-49, 2012.
- ROCHA, S.V. et al. Fatores associados à atividade física no lazer entre residentes de áreas urbanas de um município do nordeste do Brasil. *Rev Bras Cineantropom Desempenho Hum*, v. 13, n. 4, p. 257-264, 2011.
- SANTOS, G. et al. Atividade física em adolescentes: uma comparação entre os sexos, faixas etárias e classes econômicas. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*, v. 19, n. 4, p. 455, 2014.
- SIQUEIRA, S.V. et al. Prevalência de quedas em idosos e fatores associados. *Rev saúde pública*, v. 41, n. 5, p. 749-56, 2007
- WALLMANN-SPERLICH, B.; FROBOESE, I. Physical activity during work, transport and leisure in Germany-prevalence and socio-demographic correlates. *PloS one*, v. 9, n. 11, p. e112333, 2014.